

A perspectiva coletiva a partir dos sistemas corporais BMC

Lela Queiroz / Clélia F.P. de Queiroz

Universidade Federal da Bahia

Professora Doutora

Professora no PPG Dança e na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia

Resumo: Tendo por base a característica fronteira de política do corpo nas artes da performance, objetiva-se investigar a construção da fisicalidade a partir da experiência do BMC-Dança, propondo que seu método de exploração e improvisação pelos sistemas corporais - e funcionamento coletivo no corpo - e os princípios de movimentos evolutivos operam diretamente ligados a questões de motivações e propósitos, conflitos de poder e limites inter-pessoais, contribuindo como metodologia alternativa para a composição de ações e jogo no scope da performance em Dança, constituindo-se como processos coletivos para a cena contemporânea. Aplicando os conceitos *corpomidia* (Greiner/Katz), *corpomente* (BMC) e *corpoambiente* (Lewontin) e a *concepção metafórica da realidade* (Lakoff/Johnson) apoiados pelas ciências cognitivas e teoria evolutiva, partindo da hipótese desses novos entendimentos do corpo na comunicação, propõe-se explicar como a perspectiva da corporalização/ embodiment em BMC podem compor processos em performance que instigam por seus procedimentos coletivos. Os laboratórios em busca de novos processos de criação de composições cênicas contemporâneas para o desenvolvimento do artista performer no campo da performance vêm sendo desenvolvidos e mantidos por meio de pesquisa iniciada com Bolsa recém doutor CAPES 2008 e atividade no PPGDA - UFBA 2009 e grupo de pesquisa PROCEDA certificado no CNPQ .

Palavras-chave: corpo, dança, performance.

Tomamos, como ponto de partida, uma visão de artes do corpo e um tipo de performance que não pode prescindir de um corpo atuante em que o movimento constitui um dos eixos centrais de confabulação. Estamos distantes de noções como corpo coreografado produto, e refletindo mais perto de certos deslocamentos que vêm se fabricando sobre abordagem de movimento. Se por um lado as questões de duração, espaço, fluxo e peso nos interessam, dentro da perspectiva do BMC se dá a exploração, improvisação, embodiment/corporalização destes como vetores cruciais na construção metafórica da realidade. A via sensório-motora é a plataforma em que se amalgamam movimento e contato como percepção e informação.

Neste artigo, partindo daí, nos interessa assumir de imediato que, no trânsito entre práticas corporais, já podem se iniciar os processos criativos propriamente ditos, porque, como na metodologia de corporalização/embodiment BMC apoiada pelos conceitos corpomídia corpoambiente, as preciosas confabulações corpóreas que aí ocorrem pode ser iluminadas e aqui recebem atenção.

Iniciamos a discussão, justamente, não pela relevância que as práticas corporais tenham para a criação como um todo, mas porque assumem liderança nos trânsitos entre processo de treinamento e processo criativo, entre construção de um corpo e o seu processo cênico. A compreensão sobre movimento aqui apresentada é diferente daquela em que o movimento é um acionamento resultante em separado e distinto ao próprio corpo como resultado motor aprontado. Na hipótese aqui apresentada, movimento e contato formam a base dos processos que organizam as categorias de conhecimento e de reconhecimento internas e do mundo pelo organismo, tramando corpo mente em tempo real, por desenvolvimento (Queiroz, 2009).

Nos processos de criação em Dança Contemporânea, passou-se a atribuir uma abertura maior ao papel que o próprio corpo impinge e voltou-se ao corpo a perspectiva de investigação. Abandonaram-se mais e mais os pressupostos estáticos e mecanicistas para o entendimento do movimento. Passaram da trajetória linear, de direções fixas e de narrativa dramática, para derrocar todos esses pressupostos e mergulhar no dentro-fora pelos binômios desconstrução-construção e primeiramente concentrar-se no fluxo, nas evoluções a partir do acaso e necessidade, a partir da exploração lúdica, a partir de experimentos, a partir de como o movimento se dá, e gerou um novo campo em dança: o da improvisação.

As abordagens sobre organismo funcional não têm oferecido explicações para uma miríade de assuntos relativos a sobrevivência do corpo no ambiente.

Entre distintos modos de sobrevivência no organismo, através de manifestação direta e poderosa de impulsos, atuam instintos (Damásio, 1994), motivações (Thelen, 1995) e propósitos (Dennet, 1997), fazendo coisas sobre as quais pensar e buscando soluções adaptativas. Damásio propõe emoções e sentimento em continuum para a racionalidade, e isso é pouco entendido. Thelen, bem como Edelman, contribui explicando-nos a perspectiva multimodal dos organismos, nos aspectos motivacionais da percepção (Gibson), e Dennet compreende um modo como o propósito surge à medida que se aperfeiçoam as ferramentas evolutivas de comunicação no organismo em constantes re-edições.

Por outro lado, não será o conceito de adaptação, conforme explicado por Lewontin em “A Tríplice Hélice” (2002), mas o conceito de soluções adaptativas em continuum que nos possibilitam entender certos campos de ocorrências. O corpo sobrevive graças a poder operar por padrões. Já sabemos que o organismo depende de seus marcadores somáticos (Damásio) e recorre a simulações (Dennet) para superar os eventuais obstáculos que se apresentam. De um lado a entropia, de outro a instabilidade. O que permite o organismo durar é a auto-poiésis (Varela & Maturana) e a auto-organização (Prigogine).

Quando o organismo recusa ou alcança algo no espaço, quando se concentra num único foco ou vasculha o recinto, quando se dirige para um lado e sai do outro, quando se vira e volta, não são meramente mecânicas resultantes de acionamentos estanques. Aí ocorre a auto-organização que diz respeito a múltiplas escalas de nosso funcionamento no mundo, que não estava dado antes e que os organismos descobrem fazendo (QUEIROZ, 2009). A base repertorial feita pelos movimentos nunca fica pronta. Movimentos e contatos atuam em continuum como uma espécie de linguagem não hierarquizada que permite ao organismo o desvendamento do mundo. São sucessivas operações inferenciais conjuntas em meio as operações do movimento, que estão se dando em cascata como processos fronteiros, dentro de uma visão sobre movimento como informação, abarcando toda a sua complexidade. Movimentos operam evolutivamente, por recombinação (DAWKINS, 1989). Ou seja, enquanto se dá um movimento de alcançar, brevemente se deixa de recuar, dá-se o campo de atrair-se e, devido à permanência do estímulo, enquanto o campo de ir até alguém se dá, reflete o campo de ter-se afastado de outro ponto; enquanto o observador se dá conta de uma dessas polaridades, a outra ponta da dualidade está contra-apoiando essa significação. Quando se dança nessas bases, materializam-se esses campos de possibilidades como pesquisa, que ora fica ofuscado, inconsciente ou inacessível fora disso.

Mais uma vez vê-se funcionando a metáfora do observador implicado no fenômeno; de ora reparar na partícula, ora reparar na onda, valendo-se aqui dessa lei (Heisemberg) nesse tratamento dado a movimento. É no sentido de prevalecer os entendimentos relacionais, próprios da esfera da mudança, em que se baseia o dinamicismo.

O movimento configura um estado, um sentido, um modo, uma ação, uma emoção, uma forma de se comunicar com o mundo com tudo implicado no que isso possa querer dizer.

BMC, com sua hipótese de princípios de movimento evolutivo herdados, mostra-nos que o corpo se tece em suas múltiplas dimensões tramados por movimentos e contato. Quando se ajoelha ou se suspende num pé, quando verga e pega algo, o organismo está se infiltrando de informações de si e do ambiente. Movimentos são geradores de ciclos de comportamento (Lorenz). “ Comportamento é um processo de relações e não de instruções ou desempenho” ¹ (Thelen, 1995: 263).

Vale notar o grande deslocamento provocado para uma nova compreensão de cognição. Como referência para o estudo da cognição no corpo, a vertente dinamicista provoca abalos nos modelos computacionais propagados, com deslocamento muito grande de eixo nas pesquisas, no trânsito natureza-cultura, com contribuições evidentes nos terrenos da percepção e da ação, da razão e da emoção, do corpo, da mente.

É inventariando sobre essas guinadas do organismo no ambiente, na mais iniciática carreira do organismo em sua existência, o seu primeiro ano de vida aqui na terra dos seres vivos (humanos), que o BMC mapeou e demonstrou como o movimento é o poderoso operador e o contato o poderoso conversor de inúmeras questões cabais de sobrevivência e como o movimento e o contato descrevem muito mais que somente a história que sempre nos contaram de resultados de acionamentos motores e pré-motores já aprendidos e adquiridos. Num embate constante nesta primeira fase, se constroem as categorias com as quais se verte sobre a realidade pulsante dos acontecimentos. A experiência de movimentos acontece junto com o contato, nos limiares plurais de dentro e foras, referindo-se ao próprio organismo como também ao seu entorno. Contato é percepção com troca de informações.

Como exemplo, se o corpo bate, e volta; se há dor, ele recuará na próxima vez se reconhecer ali possibilidade da mesma intensidade provocar o dano do acidente. Isso fornece ao organismo uma referência interna, chamada marcador somático e se torna conhecimento disponível. O corpo enquanto experimenta um movimento está matutando o que tem de suas referências internas juntamente à presença do estímulo que o instiga. Muitos desses processos coletivos podem ser investigados para construção em cena contemporânea.

Imagine um corpo procurando uma direção com a cabeça para se sustentar, em relação a um objeto que deseja. Isso indica, conforme Gibson aponta, que o desenvolvimento da percepção é de natureza exploratória, e, portanto, uma ação. Na sua teoria de desenvolvimento da

¹ “... behavior is process and relations and not instructions and performance.”

percepção, E. Gibson² (1979) afirmou que a exploração era a ligação entre informação perceptiva e controle motor. E se encontra o que procura, é uma coisa, senão, é outra. A cada instante surgem imprevistos e novas possibilidades são contabilizadas num processo de re-edição em continuum (DENNET, 1991). Com as condições que lhe são possíveis, e desse conhecimento se apropria, para o bem ou para o mal.

No curso do movimento se delineiam, como seus processos intrínsecos, a relação por direções espaciais, criando inferências espaciais (Lakoff & Johnson), do estimular, do alcançar, do pegar, aparecem no processo desenvolvimento dos movimentos e contato. Esses processos são relacionais de saída. Temos para o movimento um papel conversor do desejo, em motivação, em intencionalidade, tramados no corpo.

Para o tipo de performance aqui abordada, a ação é por excelência a guia para o entendimento de suas construções, e o jogo é operacional dos conjuntos de movimento que comunicam intencionalidades em deslocamento. Por essas razões, quando laboratórios de performance são propostos pelos princípios de movimentos herdados do BMC e seus desafios de perdurar, está se visitando os mananciais por onde jorram possibilidades de criação geniais.

Na gama de possibilidades formada entre cada par dual, cada direção espacial, cada estímulo e sua reação nos referimos como experiências coletivas de exploração.

Num destes laboratórios, o experimento girou em torno de um princípio de movimento herdado de *Lancelet Amphioxys*³, uma espécie marinha que se encontra no limiar da passagem entre um padrão pré-vertebral e um padrão vertebral, é identificado como precursor marinho dos vertebrados, segundo o BMC. Ligado a esse princípio, trabalhamos com certos reflexos relacionados ao desejo de deslocamento primário do corpo na horizontal, restrição comum aos seres aquáticos dependentes do fluxo do curso d'água para o sucesso de suas tentativas. Passou-se a explorar o estímulo anti-gravitacional de levantar, de sair do lugar como estratégias já constituintes de ações físicas.

Podemos iniciar uma exploração por um princípio de movimento evolutivo. Tendo como partida a iniciação pelo princípio da herança filogenética aquática em que a maioria dos BNPs – padrões neurológicos basais – se encontram até assumir a forma vertebral, temos movimentações

² Eleanor Gibson teoria da percepção e ação e desenvolvimento. “The visual cliff”, 1960. “Principles of perceptual learning and development”, 1966.

³ Apostila dos Padrões Neurológicos Basais (Basic Neurological Patterns) p. 23.

em torno de eixos tri-dimensionais focais que se integram por transições de crescente complexidade.

Como chaves fundamentais processuais entre movimentos e contato se dão o trabalho do jogo de forças (peso do corpo), alavancas (apoios) e carregamentos (transferências) que incidem enquanto dualidade corpórea suscitando reflexões sobre engajamento, empoderamento, pertencimento, e limites interpessoais que passam a se estabelecer a partir daí. Por estímulos, perturbação e obstáculos, desdobram-se o deslocamento das intenções em sua ligação com a psique sob o prisma da desconstrução e da re-apropriação.

Tramados nessa dimensão já habitam questões de poder, conflitos entre os limites interpessoais, contribuindo como metodologia alternativa para a composição de ações e jogo no escopo da performance em Dança.

A fundamentação de BMC promove uma nova cultura epistêmica e sensório-motora corpomente. Somando-se a isso as relações intra-extra corpo abrigando a concepção corpo ambiente (Uexkull) e corpomídia (Greiner&Katz) de cunho não dualista faz-nos penetrar numa nova proposta que apresenta possibilidade de tingir ainda mais fronteiras. Por natureza, movimento enreda os fluxos entre organismos biológicos (natureza) e mundo (cultura).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAMÁSIO, Antonio R. *The Mind-Brain Continuum - Sensory Processes, Making Images and Creating Subjectivity*. Cp 2, pg 19-27. London\England\Cambridge\Massachusetts: A Bradford Book the MIT Press, 1996.
- DAMÁSIO, Antonio R. *Looking for Spinoza - Body, Brain and Mind. Joy, Sorrow and the Feeling Brain*, pg 183-220. London: Harcourt, Ink., 2003.
- DAMÁSIO, Antonio R. *O Erro de Descartes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DAMÁSIO, Antonio R. *The feeling of what happens*. London: Ed. Harcourt Brace & Company, 1999.
- DAWKINS, Richard. *O Gene Egoísta. Coleção O Homem e a Ciência - Vol. 7*. Belo horizonte: Itatiaia, 1989.
- DENNET, Daniel C. *The Intentional Stance*. Cambridge: MIT Press, 1987.
- DENNET, Daniel C. *Brainstorms - Toward a Cognitive Theory of Consciousness*. pg 149-173. Cambridge: Bradford Books The Mit Press, 1987.
- DENNET, Daniel C. *Tipos de Mentees*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- GREENO, James G. *Gibson's Affordances Psychological Review*. vol. 101 # 2 pg 336-342, 1994.
- JOHNSTONE, Maxine S. *In the incorporated Self (M. O'Donovan-Anderson) - Darwinian Bodies - Against Institutionalized Metaphysical Dualism*. Lanham\Boulder\New York\London: Rowman & Littlefield Publisher, Inc. 1996
- LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things - What Categories Reveal about the Mind*. Chigago / London: The University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George & JOHNSON Mark. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic BooK, 1999.
- LAKOFF, George & JOHNSON Mark. *Metáforas da vida Cotidiana*. São Paulo: EDUC, 2002.
- LEWONTIN, Richard C. *A tripla hélice - Gene, Organismo e ambiente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LEWONTIN, Richard C. *Genes, Enviroment, and Organisms - Hidden Histories of Science*. New York: Review Books, 1995.
- MATURANA, Hunberto R. & VARELA, Francisco J. *A árvore do conhecimento*. São Paulo: Palas Athena, 2002.

PRIGOGINE, Ilya & STENGERS, Isabelle. *A Nova Aliança-Metamorfose da ciência*. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1984.

QUEIROZ, Clélia. *Corpo, mente, percepção*. Movimento em BMC e Dança. São Paulo: Editora Annablume, 2009.

RIDLEY, Matt. *Nature via Nurture - Genes, experience and what makes us human*. London: Fourth Estate, 2003.

THELEN, Esther. *A Dynamic Systems approach to the development of Cognition and Action*. Massachusetts: MIT Press, 1998.

THELEN, Esther. *Time-Scale Dynamics and the Development of an Embodied Cognition*. London\England\Cambridge\Massachusetts: A Bradford Book the Mit Press, 1995.

VARELA, Francisco J. & THOMPSON Evan. *Embodied Mind*. Massachusetts: MIT Press, 1991.

VARELA, Francisco J. & SHEAR, Jonathan. *First-person Methodologies: What, Why, How?* Journal of Consciousness Studies, 1999. Nº 2-3, Vol 6. UK <http://www.imprint.co.uk/jcs/>

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. *Teoria do conhecimento e arte*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.